

Capítulo 2. O monopolismo e o crescente papel dos monopólios na economia mundial

No primeiro capítulo, demos uma visão geral das ideias fundamentais da teoria do Imperialismo de Lênin. Uma vez que o objetivo deste documento é analisar o papel das semicolônias na ordem mundial imperialista, passemos agora para um olhar mais atento ao que é a essência do imperialismo. Por isso, elaboramos sobre os monopólios na teoria marxista e olhamos para o papel crescente dos monopólios na economia mundial. Também lidaremos com as objeções abertas ou ocultas de várias organizações centristas contra ela. Ao argumentar contra essas rejeições centristas, vamos neste contexto, elaborar ainda mais a teoria leninista do imperialismo integrando as contribuições dos marxistas depois de Lênin.

Em geral, há uma forte tendência entre a maioria das correntes centristas de reduzir a teoria marxista do imperialismo a uma confusão eclético que descreve a discriminação e violação do chamado "Terceiro Mundo", a desigualdade e a injustiça e mistura tudo com uma denúncia do imperialismo. Desta forma, eles caminham pelo caminho do kautskyianismo na medida em que reduzem o imperialismo ao nível de uma *política reacionária* das Grandes Potências. Eles ignoram consciente ou inconscientemente ver que o Imperialismo é uma época distinta – o estágio final do capitalismo, seu declínio – que tem como base econômica a transformação das leis capitalistas, ou digamos melhor sua *modificação*, pelo monopolismo. A partir disso, surgem as distorções da lei de valor por diversos mecanismos; como os monopólios extraem um lucro extra dos setores dos trabalhadores, como enganam a pequena burguesia e até mesmo outros grupos de capital por cartelização, preços de monopólio etc., a formação de uma taxa média monopolista de lucro, a tendência de super-acumulação estrutural, o crescente fluxo de capital para a exportação de capital, para especulação financeira etc, o crescimento estrutural do exército de reserva de trabalhadores, etc.

Em outras palavras, eles não entendem e, respectivamente, não colocam as leis econômicas que são a base do imperialismo e a necessidade e a inevitabilidade das contradições internas da época imperialista no centro de sua análise.

Imperialismo como política ou monopólio baseado em leis econômicas?

Em sua introdução ao livro "*Imperialismo e economia mundial*" de Bukharin, Lênin enfatizou a natureza do Imperialismo não como um conjunto de políticas, mas como uma relação econômica:

"... uma análise das propriedades e tendências essenciais do imperialismo, como o sistema de relações econômicas do capitalismo moderno altamente desenvolvido, maduro e podre." ¹

Ele ainda notou:

"Em tudo isso, é extremamente importante ter em mente que essa mudança (a abertura da época imperialista, não foi provocada de outra forma, mas o desenvolvimento imediato, a expansão e a

continuação das tendências mais profundas e básicas do capitalismo e da produção de commodities em geral." 2

Mas inúmeros centristas rejeitam abertamente ou de forma implícita essa compreensão do imperialismo como uma época separada que tem a transformação de sua economia em capitalismo monopolista como base e, portanto, a base econômica da relação entre o capital imperialista e os países semicoloniais é uma super-exploração econômica. Embora não neguem necessariamente o fato de que, sob o imperialismo, o chamado Terceiro Mundo é economicamente discriminado, vários centristas veem o imperialismo como uma política específica, ou seja, agressiva e militarista.

Daremos alguns exemplos de tal entendimento errado. Em uma análise recente do conceito teórico da revolução permanente de Trotsky, o Partido Socialista Dos Trabalhadores Britânicos (em inglês-SWP, a organização "mãe" da IST) escreveu:

"Como o capitalismo é um sistema internacional, conectado tanto pelo imperialismo quanto pelo mercado mundial, as crises que provocam situações revolucionárias provavelmente seriam regionais ou globais em escala." 3

Portanto, temos o imperialismo como o nível político e o mercado mundial como o nível econômico deste sistema.

Em outro longo artigo sobre o imperialismo, o então líder do *Socialist Workers Party*-SWP e hoje articulista da organização socialista *Counter-Fire* na Grã-Bretanha, John Rees, descreve o imperialismo como um fenômeno de longo prazo de expansão colonial:

"O imperialismo é um sistema em evolução. Desde os primeiros dias do capitalismo, a expansão internacional foi escrita em sua estrutura. A união com a Escócia e a colonização da Irlanda formaram um dos primeiros estados capitalistas, a Grã-Bretanha. Ambos os eventos foram decisivamente moldados pela revolução do século XVII. E uma das primeiras guerras pós-revolucionárias da Grã-Bretanha foi com o segundo grande estado capitalista da época, a República Holandesa. Estados capitalistas emergentes e impérios pré-capitalistas em declínio lutaram pelo domínio na América, África, Ásia e Extremo Oriente. Durante dois séculos, as potências britânicas, holandesas, francesas, alemãs, italianas e outras grandes potências lutaram para conquistar o globo, e subjugar as populações indígenas e as pequenas potências.

O apogeu foi alcançado no século XX à medida que potências totalmente capitalistas se confrontaram em duas guerras mundiais, e de novo e de novo em inúmeros conflitos coloniais. No início do século, Lênin e Bukharin esboçaram os dois impulsos contraditórios que ainda dominam o sistema capitalista moderno. Bukharin escreveu: "Juntamente com a internacionalização da economia e a internacionalização do capital, está em curso um processo de "nacional", entrelaçamento de capital, um processo de "nacionalização", repleto de grandes consequências. A globalização, por um lado, e a enorme rede militar-industrial do Estado moderno, por outro, são a forma moderna dessa contradição. O resultado é que a concorrência econômica e a desigualdade e instabilidade que cria reproduzem constantemente a competição militar e a guerra. O impulso à guerra se desfez e reconstituiu o sistema imperialista ao longo do século XX.

Desde a Segunda Guerra Mundial, as colônias formais ganharam sua independência. Nações oprimidas vieram e se foram, lutaram sua batalha, e se juntaram ao sistema internacional de Estados em fileiras mais

ou menos subordinadas. Esse processo começou com as colônias americanas na década de 1770 e ocorreu para a libertação da Irlanda e da Índia, entre muitos outros, no século XX." 4

Ou, como vemos no caso da organização centrada Comitê por uma Internacional de Trabalhadores-CIT/CWI (Partido Socialista na Grã-Bretanha), eles reduzem primitivamente a política imperialista ao desejo de obter lucros. Diante desse critério, todos os capitalistas do mundo seriam imperialistas – uma posição que transforma todo o conceito de imperialismo de Lênin como a divisão dos países mundiais em opressivo e oprimido em uma caricatura ridícula. Alguns anos atrás, o CWI escreveu em um artigo que tratava da guerra das Malvinas em 1982:

"Mas a guerra da Junta Argentina sobre as Malvinas não é uma guerra de libertação nacional contra o imperialismo. Pelo contrário, ao tomar as Malvinas, a Junta Argentina está perseguindo objetivos imperialistas por parte do capitalismo argentino.

Galtieri invadiu as Ilhas por razões políticas, para evitar a revolução e salvar seu regime. Mas, em segundo plano, estão os financiadores e capitalistas argentinos que estão ansiosos para colocar as mãos nos lucros potencialmente a serem extraídos do petróleo antártico e de outros recursos naturais. Tal desenvolvimento da Antártida, é verdade, seria quase certamente em conjunto com os multinacionais americanos, a quem os capitalistas argentinos seriam sócios juniores. O capitalismo argentino ainda está subordinado aos grandes negócios internacionais, especialmente o capitalismo americano, como suas enormes dívidas externas testemunham." 5

Lênin polemizou fortemente contra tal separação do imperialismo de suas raízes do capitalismo monopolista e sua amálgama a todas as formas de política agressiva. Em seus dias, o líder social-democrata alemão Karl Kautsky era um dos principais defensores de tal posição. Lênin escreveu contra Kautsky:

"O avanço dessa definição de imperialismo nos coloca em completa contradição com K. Kautsky, que se recusa a considerar o imperialismo como uma "fase do capitalismo" e o define como uma política "preferida" pelo capital financeiro, uma tendência dos países "industriais" de anexar países "agrários". A definição de Kautsky é completamente falsa do ponto de vista teórico. O que distingue o imperialismo é a regra não do capital industrial, mas do capital financeiro, a luta para anexar não países agrários, particularmente, mas todo tipo de país. Kautsky diferencia política imperialista da economia imperialista, ele diferencia política do monopólio da economia, a fim de abrir caminho para seu reformismo burguês vulgar, tais como "desarmamento", "ultra-imperialismo" e absurdos semelhantes. Todo o propósito e significado dessa falsidade teórica é obscurecer as contradições mais profundas do imperialismo e, assim, justificar a teoria da "unidade" com os apologistas do imperialismo, os francamente social-chauvinistas e oportunistas." 6

O Monopolismo e o Lucro do Monopólio

Essa confusão do imperialismo como política e como sistema baseado em "relações econômicas" tem – no nível teórico – suas raízes na negação dessas relações econômicas.

Resumimos brevemente a essência e as consequências da monopolização. O surgimento de monopólios na economia capitalista tem como base a lei fundamental do movimento do capitalismo – o processo de criação de valor excedente através da exploração das forças de trabalho. Esse processo inevitavelmente resulta na reprodução do capital em larga escala, ou seja, no acúmulo de capital. Isso leva – como explicou Marx no Volume de Capitais I no famoso capítulo "*Tendência Histórica da Acumulação Capitalista*" – ao processo de centralização e concentração de capital, à criação de um mercado mundial, à intensificação da exploração, etc.:

"Essa expropriação é realizada pela ação das leis iminentes da própria produção capitalista, pela centralização do capital. Um capitalista sempre mata muitos. De mãos dadas com essa centralização, ou essa desapropriação de muitos capitalistas por poucos, desenvolvem, em escala cada vez maior, a forma cooperativa do processo de trabalho, a aplicação técnica consciente da ciência, o cultivo metódico do solo, a transformação dos instrumentos de trabalho em instrumentos de trabalho apenas utilizáveis em comum, a economia de todos os meios de produção por seu uso como meio de produção combinado, trabalho socializado, o emaranhado de todos os povos na rede do mercado mundial, e com isso, o caráter internacional do regime capitalista. Juntamente com o número constantemente reduzido dos magnatas do capital, que usurpam e monopolizam todas as vantagens desse processo de transformação, cresce a massa de miséria, opressão, escravidão, degradação, exploração; mas com isso também cresce a revolta da classe trabalhadora, uma classe sempre aumentando em número, e disciplinada, unida, organizada pelo próprio mecanismo do processo de produção capitalista em si. O monopólio do capital torna-se um grilhão sobre o modo de produção, que surgiu e floresceu junto com, e sob ele. A centralização dos meios de produção e socialização do trabalho finalmente chega a um ponto em que se tornam incompatíveis com seu invólucro capitalista. Este invólucro está rasgado. O dobre de finados da propriedade privada capitalista está a tocar. Os expropriadores são expropriados." Z

Essa reprodução contínua do capital em escala estendida leva a uma mudança em sua composição orgânica, ou seja, na relação entre capital constante (máquinas, matéria-prima etc.) e capital variável (trabalho). A participação do capital constante – que apenas transmite valor, mas não cria novo valor – está aumentando enquanto a participação do capital variável – que cria novo valor – fica relativamente menor. Com a diminuição da participação do capital variável, a fonte para a criação de um novo valor e, portanto, a fonte de valor excedente também diminui. Como resultado, a parcela do valor excedente – que é a única base de lucro – diminui em relação ao capital total investido (constante e variável) no longo prazo.

"À medida que o processo de produção e acumulação avança, portanto, a massa de mão-de-obra disponível e adequada e, portanto, a massa absoluta de lucros se apropriada pelo capital social, deve crescer. Junto com o volume, porém, as mesmas leis de produção e acumulação aumentam também o valor do capital constante em uma progressão de montagem mais rapidamente do que a da parte variável do capital, investida como está no trabalho vivo. Assim, as mesmas leis produzem para o capital social uma massa absoluta crescente de lucro, e uma taxa de lucro em queda." 8

Marx caracterizou a lei da tendência da taxa de lucro cair como a lei mais importante do capitalismo:

"Esta é, em todos os aspectos, a lei mais importante da economia política moderna, e a mais essencial para entender as relações mais difíceis. É a lei mais importante do ponto de vista histórico. É uma lei que, apesar de sua simplicidade, nunca foi compreendida e, muito menos, articulada conscientemente." 9

Como já elaboramos no livro *"The Credit Crunch - A Marxist Analysis"*, o salto qualitativo no processo de concentração e centralização do capital e o surgimento de monopólios no final do século XIX foi uma expressão da obsolescência histórica do sistema capitalista. 10 As contradições entre as forças produtivas e os grilhões do modo de produção baseado na propriedade privada de um lado e entre o mercado mundial e a política internacional e o Estado nacional do outro lado abriram a última etapa do capitalismo – sua época de declínio e transição para o socialismo. Em sua resolução sobre o caráter da Primeira Guerra Mundial imperialista, os bolcheviques russos formularam essa compreensão da época imperialista inequivocamente:

"A guerra atual é imperialista em seu caráter. Esta guerra é o resultado de condições de uma época em que o capitalismo atingiu o estágio mais alto em seu desenvolvimento; em que o maior significado se atribui, não apenas à exportação de commodities, mas também à exportação de capital; uma época em que a cartelização da produção e a internacionalização da vida econômica assumiram proporções impressionantes, as políticas coloniais trouxeram a partição quase completa do globo, as forças produtivas do capitalismo mundial superaram as fronteiras limitadas das divisões nacionais e estaduais, e as condições objetivas estão perfeitamente maduras para que o socialismo seja alcançado." 11

O teórico marxista, Yevgeni Preobrazhensky – um antigo bolchevique e líder da Oposição de Esquerda de Trotsky contra o stalinismo na década de 1920 – apontou para as contradições permanentes entre as forças produtivas e as limitações impostas pelo capitalismo monopolista:

"As forças produtivas do capitalismo atingiram tal nível de desenvolvimento, e a concentração de produção avançou até agora, que qualquer desenvolvimento adicional das forças produtivas encontra uma barreira intransponível na estrutura monopolista." 12

É nesse contexto que os monopólios estão lutando para neutralizar a tendência de queda da taxa de lucro. Há, é claro, muitos instrumentos que o capital monopolista tenta usar para obter vantagens para aumentar seus lucros. Alguns exemplos são: a formação de trusts (*fusão de várias empresas de modo a formar um monopólio*), exportação de capital, manipulação de preços, tarifas, direitos de propriedade de patentes, suborno de políticos e aparato estatal em geral, suborno da burocracia dos dirigentes trabalhistas, etc. O que essas várias medidas têm em comum é o propósito de permitir que o capital monopolista obtenha um lucro extra, ou seja, um lucro acima da taxa média de lucro. Como Lênin disse *"... monopólio rende super-lucros, ou seja, um excedente de lucros acima dos lucros capitalistas que são normais e habituais em todo o mundo" 13*

Tudo isso leva a uma importante modificação da lei de valor, uma vez que a monopolização cria inúmeras barreiras para o fluxo de capital sem obstáculos entre os diferentes ramos e, portanto, para o processo de equalização da taxa de lucro. Por exemplo, se os monopólios controlam um determinado setor industrial, eles podem dificultar o fluxo de capitais concorrentes. Ou um determinado ramo industrial ou comercial está mais ou menos dividido em um setor monopolista e um setor não monopolista onde o capital do setor posterior dificilmente pode se mover para o setor monopolista.

Evgenij Preobrazenskij chamou a atenção para essa modificação da lei de valor em uma de suas principais obras.

"A limitação da livre concorrência leva também a uma limitação dos efeitos da lei de valor ... Quando há trustificação consórcios... os preços sistematicamente desviam-se do valor ... A equalização da taxa de lucro entre os ramos de produção em trusts torna-se quase impossível; eles são transformados em mundos fechados, em reinos feudais de organizações capitalistas." 14

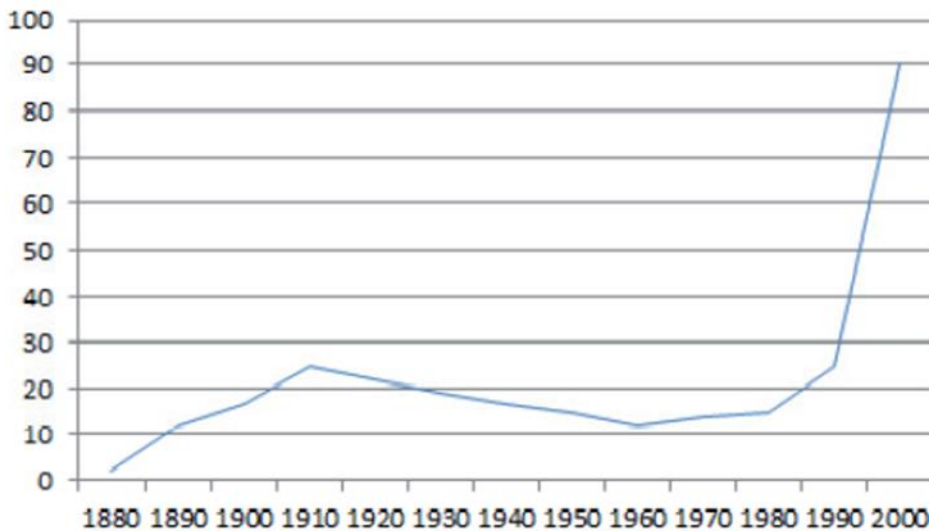
Isso não significa que a monopolização remova a operabilidade da lei do valor. O controle de um determinado setor por alguns monopólios permite que eles imponham um preço monopolista que se desvie fortemente do valor e, portanto, eles possam obter uma taxa de lucro monopolista que está acima da taxa média de lucro neste setor. Como resultado, outras partes não monopolistas do capital recebem apenas uma taxa de lucro que está abaixo da taxa média de lucro. No total, é claro, a soma dos preços não pode desviar-se da soma dos valores. Se a diferença entre o preço do monopólio e o valor se tornar muito grande, de uma forma ou de outra, o controle dos monopólios será desafiado pelos outros capitalistas ou uma crise e falências impõem um ajuste acentuado dos preços do monopólio ao valor. 15

O crescente poder dos monopólios na economia mundial

Em seus livros sobre imperialismo, escritos em 1915 e 1916, tanto Bukharin quanto Lênin apontaram o papel extremamente dominante dos monopólios na vida econômica. Desde então, essa dominância aumentou ainda mais. Particularmente no período da Globalização, esse papel crescente dos monopólios tem se intensificado à medida que internacionalizam sua produção e dominam cada vez mais o mercado mundial. É por isso que podemos definir a Globalização como Monopolização + Internacionalização.

Essa internacionalização tem em sua base o enorme aumento da exportação de capital pelos monopólios. A Figura 1 mostra o enorme aumento do *Investimento Estrangeiro Direto Global-IDE* em relação à produção anual medida como PIB.

Figura 1 (ver arquivo PDF): Fluxos globais do IDE para o PIB (em %) 16



Um relatório das Nações Unidas sobre o poder das corporações transnacionais no início da década de 1970 disse que eles controlavam direta ou indiretamente "entre 75 e 90% dos recursos minerais e metálicos, 30 a 40% das matérias-primas agrícolas e cerca de 40% das exportações de alimentos originárias dos países em desenvolvimento". 17

O principal jornal do capitalismo britânico, "The Economist", escreveu no início da década de 1990 que as 100 maiores empresas controlam 16% e as 300 melhores em cerca de um quarto do índice de ativos produtivos estimados em US\$ 20 trilhões do mundo. Também informou que "possivelmente até um terço de todo o comércio" ocorre dentro das Corporações Transnacionais (TNCs). 18

As 600 maiores corporações com vendas anuais acima de US\$ 1 bilhão foram reportadas como responsáveis por mais de um quinto do valor agregado mundial em manufatura e agricultura. Direta e indiretamente, as corporações multinacionais foram consideradas responsáveis por 5% da força de trabalho global e, ao mesmo tempo, controlam mais de 33% dos ativos globais. (19) Até mesmo uma matéria do porta-voz capitalista como *the Economist* tem que reconhecer: "O investimento estrangeiro direto já reduziu a liberdade dos governos para determinar sua própria política econômica." 20

Um estudo de um economista alemão relata: "Embora o comércio global e as atividades globais de capital não sejam novidade, o ritmo do movimento de capital, bem como a forma e concentração de capital mudaram. A liberalização dos movimentos de capital é uma das características do capitalismo global e as TNCs estão agora perdendo grande parte de suas funções tradicionais internas e substituindo-as por terceirização. Eles estão construindo redes de pequenas e médias empresas dependentes e estão fornecendo aos mercados globais. Por exemplo, a empresa de calçados esportivos Nike emprega apenas 9.000 trabalhadores principais, mas há 75.000 trabalhadores na cadeia de subcontratados que fornecem para a Nike. Algumas TNCs chegaram ao ponto de vender seu nome apenas enquanto deixam a fabricação para outros. Exemplos são Kodac, Olivetti, Siemens e General Motors. As TNCs controlam cerca de 70% de todo o comércio mundial e mais de um quarto da atividade econômica mundial ocorre dentro das 200 maiores corporações." 21

Os monopólios são os maiores capitalistas, concentrando uma enorme quantidade de capital acumulado, e com isso eles podem controlar a economia, apesar de empregar apenas uma parcela relativamente pequena dos trabalhadores. De acordo com outro relatório em meados da década de 1990, as empresas multinacionais representam o emprego direto de cerca de 65 milhões de pessoas ou 3% da força de trabalho global. 22

Em um livro publicado em 2008, o conselheiro da ONU Jean Ziegler forneceu números que mostram que as 500 maiores corporações multinacionais controlam 53% do Produto Interno Bruto mundial, apesar de empregar apenas diretamente 1,8% da força de trabalho mundial. 23

Éric Toussaint produziu uma lista impressionante que mostra o domínio dos monopólios. De acordo com esta lista, três corporações multinacionais controlam 53% das peças de vidro, seis corporações controlam 85% da produção global de pneus, sete corporações controlam 90% da produção de equipamentos médicos, duas corporações controlam 80% da produção de café instantâneo, cinco corporações controlam 77% da produção de grãos, três corporações controlam 80% da produção de banana, quatro corporações controlam 87% da produção de tabaco, dez corporações controlam 76% da produção de automóveis, quatro corporações respondem por 70% das vendas globais de equipamentos relacionados e telecomunicações, duas corporações respondem por mais de 95% da produção global de aeronáutica civil e uma corporação controla 60% do mercado de microprocessadores. 24

Esses números foram ainda mais sublinhados pelas descobertas muito recentes de três teóricos dos sistemas no Instituto Federal Suíço de Tecnologia em Zurique. No final de 2011, eles publicaram um estudo amplamente divulgado no qual pegaram um banco de dados listando 37 milhões de empresas e investidores em todo o mundo e analisaram todas as 43.060 corporações transnacionais e as participações que as ligavam. Eles construíram um modelo de quem é dono do que e quais são suas receitas e mapearam todo o edifício desse poder econômico. A revista dos EUA *Forbes* que trata de negócios informou que chegaram à conclusão de que apenas 147 corporações controlavam 40% da economia global:

"Eles descobriram que o controle corporativo global tem uma forma de gravata borboleta, com um núcleo dominante de 147 empresas irradiando do meio. Cada um desses 147 próprios intertravamentos um do outro e juntos controlam 40% da riqueza da rede. Um total de 737 empresas controlam 80% de tudo." 25

O estudo também revelou o amplo domínio do setor financeiro entre os principais monopólios. Das 50 maiores corporações, apenas 5 não têm sua base no setor financeiro! Isso confirma a conclusão do economista marxista Rudolf Hilferding há mais de cem anos que Lênin captou: que os monopólios têm o caráter de capital financeiro, que é uma fusão do capital bancário e industrial do qual o primeiro desempenha um papel dominante.

Finalmente, o estudo também revelou o domínio ainda existente do capital monopolista dos antigos países imperialistas. Quase metade das 50 maiores corporações vem, apesar do declínio, mas ainda liderando, da potência imperialista os EUA. Embora o resto venha quase todos de países da União Europeia e do Japão, também é interessante notar que há um capitalista monopolista chinês, refletindo o status transformado do país como uma potência imperialista emergente. (ver Tabela 1)

Tabela 1 (ver arquivo PDF): Composição nacional dos 50 maiores detentores de controle Acionistas 26

Table 1: National composition of Top 50 control-holders Shareholders

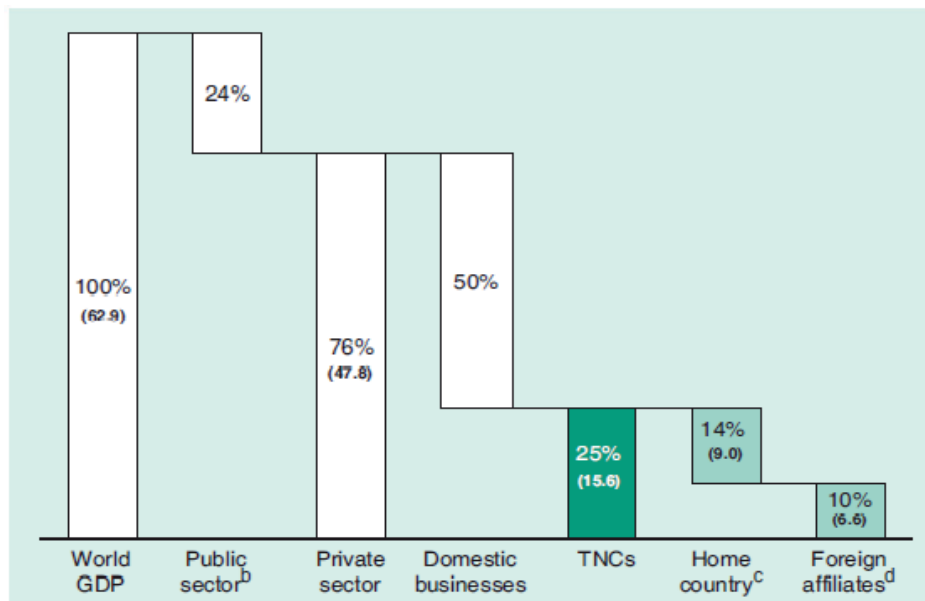
USA UK France Japan Germany Swiss Netherland China Canada Italy

24	8	5	4	2	2	2	1	1
----	---	---	---	---	---	---	---	---

Finalmente, queremos apresentar os resultados de um recente Relatório Mundial de Investimento Por parte da *Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento* (doravante nesse livro denominada em inglês como UNCTAD). Neste relatório, a UNCTAD diz que o conjunto das Corporações Transnacionais-(*Transnational Corporations-TNCs*) produz 1/4 da produção mundial anual. (Veja também Figura 2) De acordo com este relatório, cerca de 40% do "valor agregado" das TNCs é produzido por suas afiliadas estrangeiras:

"A UNCTAD estima que as TNCs em todo o mundo, em suas operações no país e no exterior, geraram valor agregado de aproximadamente US\$ 16 trilhões em 2010, representando mais de um quarto do PIB global. Em 2010, as afiliadas estrangeiras representaram mais de um décimo do PIB global e um terço das exportações mundiais. A produção internacional pelas TNCs (ou seja, valor agregado por afiliados estrangeiros) representa cerca de 40% do valor total adicionado das TNCs, contra cerca de 35% em 2005." 27

Figura 2 (ver arquivo PDF): Participação das corporações transnacionais do PIB mundial, EM 2010 (Por cento e trilhões de dólares) 28



Como a Figura 3 mostra, as 100 maiores TNCs não financeiras do mundo têm entre 57% e 66% de seus funcionários, ativos e vendas no exterior.

Figura 3 (ver arquivo PDF): Estatísticas de internacionalização das 100 maiores TNCs não financeiras do mundo e de Economias de Desenvolvimento e Transição (Bilhões de dólares, milhares de funcionários e por cento), 2010 ²⁹

Figure 3: Internationalization Statistics of the 100 largest non-financial TNCs worldwide and from Developing and Transition Economies (Billions of dollars, thousands of employees and per cent), 2010 ⁶⁴

Variable	100 largest TNCs worldwide					100 largest TNCs from developing and transition economies		
	2008	2009	2008–2009 % change	2010 ^a	2009–2010 % change	2008	2009	% change
Assets								
Foreign	6 161	7 147	16.0	7 512	5.1	899	997	10.9
Total	10 790	11 543	7.0	12 075	4.6	2 673	3 152	17.9
Foreign as % of total	57	62	4.8 *	62	0.3 *	34	32	-2.0
Sales								
Foreign	5 168	4 602	-10.9	5 005	8.8	989	911	-7.9
Total	8 406	6 979	-17.0	7 847	12.4	2 234	1 914	-14.3
Foreign as % of total	61	66	4.5 *	64	-2.2 *	44	48	3.3
Employment								
Foreign	9 008	8 568	-4.9	8 726	1.8	2 651	3 399	28.2
Total	15 729	15 144	-3.7	15 489	2.3	6 778	8 259	21.9
Foreign as % of total	57	57	-0.7 *	56	-0.2 *	39	41	2.0

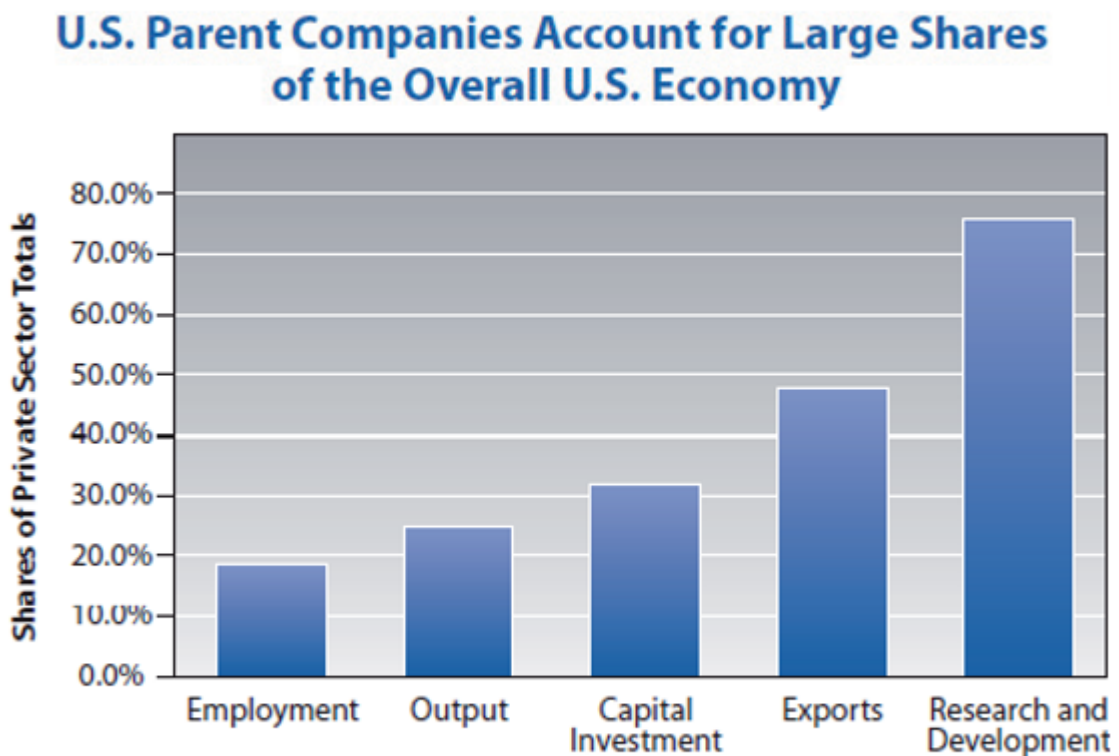
⁶³ UNCTAD: World Investment Report 2011, p.25

⁶⁴ UNCTAD: World Investment Report 2011, p.27

A próxima Figura 4 mostra que o capital monopolista na forma das corporações multinacionais desempenha um papel central na economia dos EUA. Em 2006, eles representaram 19,1% do total de empregos no setor privado dos EUA, por 24,9% de toda a produção do setor privado dos EUA, por 31,3% de todo o investimento de capital do setor privado dos EUA, para 48,0% das exportações totais dos EUA e para 75,8% do total de Pesquisa e Desenvolvimento realizado por todas as empresas dos EUA.

Figura 4 (ver arquivo PDF): Relatório de Empresas-Matrizes dos EUA de Empregos, Produção, Investimento de Capital, Exportações e Pesquisa e Desenvolvimento, 2006 ³⁰

Figure 4: U.S. Parent Companies Account for Employment, Output, Capital Investment, Exports and Research and Development, 2006 ⁶⁵



⁶⁵Matthew J. Slaughter: How U.S. Multinational Companies Strengthen the U.S. Economy (2009), Published by Business Roundtable and The United States Council Foundation, p. 5

Assim, podemos resumir que os monopólios poderiam aumentar substancialmente seu domínio sobre a economia mundial. Também podemos ver que a fórmula "*Globalização = Monopolização + Internacionalização*" não significa uma "*Internacionalização*" abstrata, mas o crescente controle dos monopólios que têm seu centro nos Estados imperialistas. Além disso, eles estão intimamente ligados a esses Estados imperialistas que lhes dão o peso político e militar necessário para defender seus interesses em todo o mundo.

- 1 V. I. Lênin: Prefácio ao Panfleto Imperialismo de N. Bukharin e economia mundial (1915); in: LCW Vol. 22, p. 104
- 2 V. I. Lênin: Prefácio para N. Bukharins Panfleto ..., p. 104
- 3 Joseph Choonara (SWP): A relevância da revolução permanente: Uma resposta a Neil Davidson; in: International Socialism Journal, Edição: 131 (2011), <http://www.isj.org.uk/index.php?id=745&issue=131>
- 4 John Rees: Imperialismo: globalização, estado e guerra; in: International Socialism Journal, Edição nº 93 (2001), pp. 26-27; <http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/isj93/rees.htm>
- 5 Partido Socialista (CWI): Guerra das Malvinas: que lições para o movimento trabalhista? In: Socialism Today, No 108, abril de 2007, <http://www.socialismtoday.org/108/falklands.html> (nossa ênfase)
- 6 V. I. Lênin: Imperialismo e a Divisão no Socialismo; in: LCW Vol. 23, p.107 (Ênfase no original)
- 7 Karl Marx: Kapital Band I, MEW 23, pp. 790-791; em Inglês: Capital, Vol. Eu; Capítulo 32
- 8 Karl Marx: Kapital III, MEW 25, p. 229; em inglês: Capital, Vol. III; Capítulo 13
- 9 Karl Marx: Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie, em: MEW 42, p. 641; em inglês: Karl Marx: Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie (Inglês), Chapter Capital as Fructiferous. Transformação do Valor Excedente em Lucro. (ver também Karl Marx: Manuscritos Econômicos de 1861-63. Capital e Lucro. Capítulo 7) Lei Geral da Queda da Taxa de Lucro com o Progresso da Produção Capitalista; in: MECW, Volume 33, pp. 104-145; <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1861/economic/ch57.htm>
- 10 Michael Pröbsting: Imperialismus, Globalisierung und der Niedergang des Kapitalismus; em: Revolutionärer Marxismus 39, agosto de 2009, <http://www.arbeitermacht.de/rm/rm39/rm39imperialismus.htm>; em inglês: Michael Pröbsting: Imperialismo e o Declínio do Capitalismo (2008), em: Richard Brenner, Michael Pröbsting, Keith Spencer: The Credit Crunch - A Marxist Analysis (2008), <http://www.fifthinternational.org/content/imperialism-and-decline-capitalism>
- 11 V. I. Lenin: A Conferência dos Grupos R.S.D.L.P. no Exterior (1915); em CW 21, p. 159
- 12 Evgenij Preobrazenskij: O Declínio do Capitalismo (1931); Tradução de Richard Day, London 1981, p. 172
- 13 W. I. Lenin: Imperialismo e a Divisão no Socialismo (1916); in: LCW Vol. 23, pp. 114-115
- 14 Evgenij Preobrazenskij: Die Neue Ökonomik (1926); Berlim 1971, p. 195 (nossa tradução para o inglês)

15 Um ponto bem feito por Ernest Mandel em seu livro 'Marxistische Wirtschaftstheorie' (1962), Frankfurt a.M. 1968, p. 530

16 Michael Roberts: Uma taxa mundial de lucro. Globalização e economia mundial (2012), p. 2, http://thenextrecession.files.wordpress.com/2012/07/roberts_michael-a_world_rate_of_profit.pdf

17 Nações Unidas: Rumo à Nova Ordem Econômica Internacional. Relatório Analítico sobre Desenvolvimentos no Campo da Cooperação Econômica Internacional desde a Sexta Sessão Especial da Assembleia Geral, A/5-11,5, Nova York, 1982, paraFigure 40, p. 9

18 The Economist: Os monstros favoritos de todos. Pesquisa de Multinacionais, 27.3.1993, p. 4 e 9.

19 Ver Stephen Gill: Gramsci, Modernidade e Globalização; Artigo online da International Gramsci Society, janeiro de 2003, http://www.internationalgramscisociety.org/resources/online_articles/articles/gill01.shtml

20 Citado em Morris Miller: Onde está a interdependência global nos levando? Por que precisamos de um "Novo (melhorado) Bretton Woods"; De "Tensões Sociais & Conflito Armado: Étnica & Outros Aspectos", Painel: Interdependência global em questões econômicas & financeiras", Pugwash, Nova Escócia, 28 a 31 de julho de 1994 <http://www.ncrb.unac.org/unreform/archive/globalization.html>

21 Herbert Jauch (Labor Resource and Research Institute (LaRRI)): Globalização e Trabalho, Preparado para o Simpósio Regional do Trabalho, Windhoek, 6 de Dezembro de 2005, p. 4

22 Morris Miller: Onde está a interdependência global nos levando?: Por que precisamos de um "Novo (melhorado) Bretton Woods"; De "Tensões Sociais & Conflito Armado: Étnica & Outros Aspectos", Painel: Interdependência global em questões econômicas & financeiras", Pugwash, Nova Escócia, 28 a 31 de julho de 1994 <http://www.ncrb.unac.org/unreform/archive/globalization.html>

23 Jean Ziegler: Das Imperium der Schande. Der Kampf gegen Armut und Unterdrückung, München 2008, p. 235

24 Éric Toussaint: Seu Dinheiro ou sua Vida. A Tirania das Finanças Globais; Bruxelas 1999, p. 33

25 _____Veja as 147 empresas que controlam tudo, 22.10.2011 <http://www.forbes.com/sites/bruceupbin/2011/10/22/the-147-companies-that-control-everything/>; S. Vitali, J.B. Glattfelder e S. Battiston: A rede de controle corporativo global (2011), ETH Zurique, <http://arxiv.org/pdf/1107.5728v2.pdf>

26 S. Vitali, J.B. Glattfelder e S. Battiston: A rede de controle corporativo global (2011), ETH Zurique, <http://arxiv.org/pdf/1107.5728v2.pdf>

27 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, p. 24

28 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, p. 25

29 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, p. 27

30 Matthew J. Slaughter: Como as empresas multinacionais dos EUA fortalecem a economia dos EUA (2009), publicada pela Business Roundtable e the United States Council Foundation,